



## O projeto Paideia: Ensinando grego antigo no município de Blumenau (SC)<sup>1</sup>

### *The Paideia project: Teaching Ancient Greek in Blumenau – Brazil*

Dominique Vieira Coelho dos Santos

Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB), Blumenau, Santa Catarina  
/ Brasil

[dvc Santos@furb.br](mailto:dvc Santos@furb.br)

<https://orcid.org/0000-0002-0265-2921>

Dyel Gedhay da Silva

Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB), Blumenau, Santa Catarina  
/ Brasil

[dasilvadyel@gmail.com](mailto:dasilvadyel@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0002-0857-1030>

**Resumo:** Considerando a importância, pertinência e eficácia do estudo de temáticas relacionadas com as culturas clássicas para ampliação do repertório histórico, social e cultural, bem como do desenvolvimento do pensamento crítico e da ampliação das competências linguísticas de seus estudantes, e tendo em vista a aproximação entre universidade, educação básica e comunidade, uma previsão da constituição federal brasileira, do PNE – Plano Nacional de Educação 2014-2024 e do PDI – Plano de Desenvolvimento Institucional da FURB – Universidade de Blumenau, o projeto Paideia teve por objetivo promover um curso de iniciação ao estudo da cultura e do idioma grego antigo na cidade de Blumenau, Santa Catarina. O curso nasceu de uma parceria entre o LABEAM – Laboratório Blumenauense de Estudos Antigos e Medievais da FURB e da ETEVI – Escola Técnica do Vale do Itajaí e, a partir do método *Aprendendo Grego*,

---

<sup>1</sup> O artigo foi possível graças ao projeto de extensão 807/2018, intitulado “Paideia: Introdução ao estudo da cultura e do Idioma Grego Antigo em Blumenau (SC) e Região do Vale do Itajaí”, subsidiado pela PROPEX/FURB.

da *Joint Association of Classical Teachers*, permitiu que acadêmicos de graduação e pós-graduação de todas as áreas do saber da Universidade, estudantes da ETEVI, da rede de educação básica dos ensinos fundamental e médio da região, membros da comunidade do Vale do Itajaí e demais interessados pudessem ter a oportunidade de estudar, em nível básico e introdutório, a cultura e o idioma grego antigo. Este artigo tem por objetivo socializar de forma problematizadora os resultados do projeto.

**Palavras-chave:** Didática da História; Estudos Clássicos; Línguas Clássicas; ensino do Grego Antigo.

**Abstract:** Considering the importance, relevance and effectiveness of the study of themes related to classical cultures to expand the historical, social and cultural repertoire, as well as the development of logical reasoning, critical thinking and the expansion of linguistic skills of its students, but also taking into account the relationship among University, Basic Education and Community, something predicted by both the Brazilian Federal Constitution and its National Education Plan 2014-2024, but also by the Institutional Development Plan of the University of Blumenau, the Paideia project had the purpose of promoting an introductory course to the study of Ancient Greek Culture and Language in Blumenau, a city in Southern Brazil, where such activity has never been done before. The course was born inside the University of Blumenau and it was a partnership of its lab for Ancient and Medieval Studies and its High School. Using the method *Reading Greek*, of the JACT – Joint Association of Classical Teachers (edited and translated in Brazil as *Aprendendo Grego*), The Paideia Project assembled undergraduate and graduate students from all areas of knowledge, High School students attached to the institution and also from other High Schools from the region, members of the regional community and other people interested in learning the basic steps in Ancient Greek. This article aims to analyse the project's experiences and share some of the main results.

**Keywords:** Didactic of History; Classical Studies; Classical Languages; Teaching of Ancient Greek.

## 1 Idealização e divulgação do projeto

Concebido a partir das experiências desenvolvidas no LABEAM, como a atividade interdisciplinar entre ensino de Letras e História com estudantes do Ensino Fundamental por meio do PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência –, na qual foi utilizado o trecho de um texto grego com sua tradução inglesa para abordar ambas as áreas (SANTOS; HEMKMAIER; SANTOS; GAYO, 2014), bem como da necessidade de graduandos e pós-graduandos que pesquisam História

Antiga e Medieval em saber utilizar adequadamente as ferramentas para o estudo das fontes escritas no idioma helênico, o projeto Paideia foi pensado como um passo além: o da possibilidade de ensinar grego antigo, gratuitamente, para toda a comunidade do Vale do Itajaí durante um ano inteiro, com limite de 70 vagas.

Com isso, os objetivos principais foram: (a) ampliar o conhecimento linguístico e cultural, (b) possibilitar o acesso ao estudo sistemático da língua e cultura grega, (c) e ofertar um curso de acesso gratuito e democrático à população regional. O intuito, ao fim do curso, era que os estudantes entendessem textos simples, o que incluía aspectos basilares de gramática grega e de compreensão histórica, para que desenvolvessem certo grau de autonomia no que diz respeito aos estudos que abarcam a língua antiga.

O curso foi divulgado em redes sociais, como Facebook, Instagram e Youtube, ganhando até uma reportagem num jornal regional. Ao todo, 4.046 pessoas viram a publicação direta do curso, 521 com ela se engajaram e 46 compartilharam pelas redes sociais. Além disso, também foi publicado no meio jornalístico, tanto em texto escrito (FURB, 2019; BLUMENAU, 2019), quanto em audiovisual, em forma de entrevista (FURBTV, 2019), o que sugere que um número maior ainda de pessoas tiveram acesso à divulgação, pois alguns dos matriculados afirmaram ter tido conhecimento do curso por estes meios.

A divulgação gerou um total de 64 cartas de apresentação e motivação recebidas entre os dias 01 e 28 de fevereiro do ano de 2019. Nestas cartas, foi solicitado em, no máximo uma página, que o(a) interessado(a) enviasse, por e-mail, uma breve apresentação de seu currículo e os motivos pelos quais desejava fazer o curso, além de informações de praxe, como nome completo, data de nascimento e e-mail.

Os professores atuantes no projeto *Classics for All*, na Inglaterra, sugeriram que o estudo dos clássicos pode aprimorar algumas questões relacionadas à educação. Uma delas, é que os “estudantes de latim ou grego antigo atingem uma compreensão profunda de gramática, o que motiva o uso apurado da linguagem. [...] No GCSE de latim ou grego, estruturas gramaticais mais complexas do que aquelas nos GCSEs

de língua moderna estrangeira são introduzidas”.<sup>2</sup> No entanto, apesar de haver, igualmente, depoimentos muito positivos de professores e monitores sobre o ensino do grego e latim em turmas brasileiras do ensino fundamental (CORRÊA *et al.*, 2013, p. 109-117), ainda não temos um estudo de caso comprovando o desenvolvimento dos estudantes nas outras disciplinas. O mesmo acontece quando se trata do ensino desses idiomas em cursos de extensão, como o Paideia.<sup>3</sup>

A cultura clássica é o fundamento de muito do que temos na literatura moderna e de vários produtos audiovisuais, como filmes, séries de TV, além do que poderíamos chamar de *Cultura Pop* (TAVARES DA SILVA, 2017; GHANDOUR, 2018; COELHO, 2013). Este tipo de conhecimento, portanto, permite uma leitura mais aprofundada de temáticas importantes do contemporâneo. As competências adquiridas no estudo das culturas antigas ampliam até mesmo as oportunidades de emprego, uma vez que conhecimentos assim têm sido utilizados como sustentáculo para produção de diversos saberes e fazeres, pois permitem “clareza de raciocínio, atenção aos detalhes e a habilidade argumentativa”.<sup>4</sup>

Contudo, a experiência do Paideia se diferencia do JACT e do Minimus (SP) por oferecer aulas a toda a comunidade gratuitamente durante um ano. Isso permitiu a criação de um caso particular, de uma turma muito distinta dedicada ao estudo da língua e cultura gregas. Os gráficos abaixo, feitos com base nas cartas de motivação, sistematizam algumas destas características:

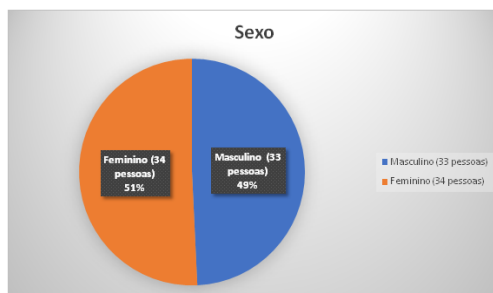
---

<sup>2</sup> “[...] students of Latin or Ancient Greek achieve a deep understanding of grammar which encourages accurate use of language. [...] In GCSE Latin or Ancient Greek, more complex grammatical structures are introduced than those in modern foreign language GCSEs”. Cf. Classics for All (c2015).

<sup>3</sup> Ainda assim, não poderia ser deixado de referir alguns depoimentos dos estudantes acerca das melhoras noutras áreas do conhecimento percebidas por eles nas considerações finais deste artigo.

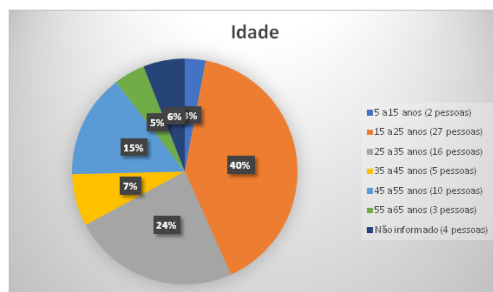
<sup>4</sup> “[...] the study of Classics encourages clarity of thought, attention to detail, and the ability to argue a case”. (CLASSICS FOR ALL, c2015).

GRÁFICO 1 – Número de pessoas por sexo que enviaram cartas de recomendação



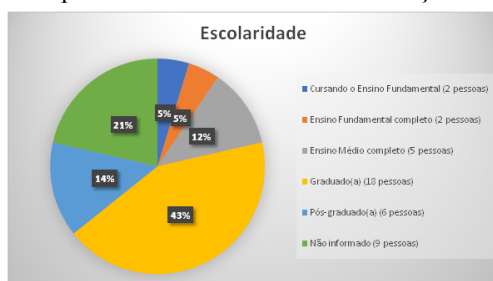
Fonte: Da pesquisa, 2020

GRÁFICO 2 – Número de pessoas por idade que enviaram cartas de recomendação



Fonte: Da pesquisa, 2020

GRÁFICO 3 – Número de pessoas por nível de escolaridade que enviaram cartas de recomendação



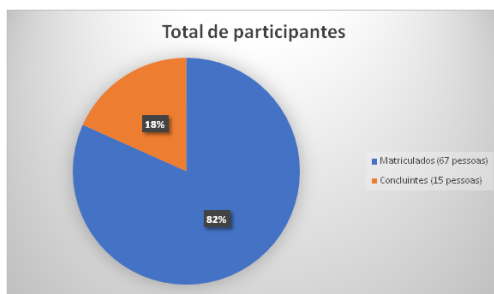
Fonte: Da pesquisa, 2020

O mais notável entre os matriculados, ou seja, os que enviaram a carta de motivação, é que a maior parte possui graduação. As duas que estavam cursando o Ensino Fundamental, semelhantemente, causaram

certa surpresa e ânimo (uma delas concluiu o curso Paideia). Outro ponto em comum entre estas duas é que ambas gostavam muito dos livros sobre Percy Jackson<sup>5</sup> e, por meio deste, desenvolveram interesse pela cultura grega. Ademais, quando o interesse nas cartas não era justificado pela descrição da língua grega como fundamental para áreas do conhecimento – como Filosofia, Psicologia, Teologia, Arquitetura, Música, Matemática e Teatro –, seguido do desejo de ter o currículo aumentado, este o era pela admiração vinda do contato com a literatura da Contemporaneidade sobre a Antiguidade Grega – como a saga já mencionada de Percy Jackson e o mangá *Os Cavaleiros do Zodíaco* –, ou o sonho de viajar para a Grécia, e se aproximar de culturas e línguas distintas do português.

Como os gráficos mostram, este grupo de pessoas matriculadas possuía características muito diversas desde o início do curso. Apesar de o número de estudantes ter caído bastante (GRÁFICO 4), sendo um total de 15 concluintes que, praticamente, foram os únicos que retornaram no segundo semestre, a pluralidade se manteve, como mostram os gráficos seguintes:

GRÁFICO 4 – Número de matriculados e concluintes do curso



Fonte: Da pesquisa, 2020

<sup>5</sup> A saga em cinco romances, composta pelo estadunidense Rick Riordan e com a primeira cópia lançada em 2005, utiliza aspectos das mitologias grega e romana antigas para narrar as aventuras do personagem principal, Percy Jackson, um jovem que descobre ser filho de Poseidon. O primeiro volume da saga ganhou um filme chamado *Percy Jackson & os Olimpianos: O Ladrão de Raios* (2010).

GRÁFICO 5 – Número de concluintes do curso por sexo



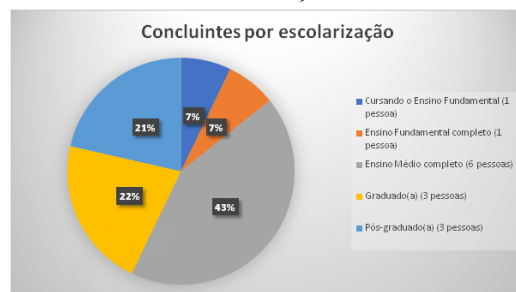
Fonte: Da pesquisa, 2020

GRÁFICO 6 – Número de concluintes do curso por idade



Fonte: Da pesquisa, 2020

GRÁFICO 7 – Nível de escolarização dos concluintes do curso



Fonte: Da pesquisa, 2020

Quanto ao nível de escolarização dos concluintes do curso (GRÁFICO 7), é importante notar que, dentre os que possuem o ensino médio completo, três eram graduandos, sendo um em História, um em

Teologia e um em Filosofia (em centros de ensino distintos). Além disso, dentre os 15 concluintes, 3 pretendiam ingressar num curso de graduação em 2020, sendo todas do sexo feminino e com idade entre 10 e 25 anos: uma em Letras, uma em Medicina e outra em Psicologia. Portanto, isso mostra uma turma de escolaridade diversa – inclusive, com uma pessoa com o ensino fundamental e outra o cursando – e um mínimo de familiaridade com a universidade, com uma concentração no nível de graduação, entre os que tem plano de cursá-la, os que estão cursando e os que a cursaram.

Além das idades dos concluintes (Gráfico 6) serem diferenciadas por si só, com uma concentração de pessoas de 15 a 25 e 35 a 45 anos, a diferença entre sexos, que se manteve igual desde o início (Gráfico 1; Gráfico 5), assim como as áreas de formação em graduação e pós-graduação formavam um ambiente muito plural. Algumas das áreas de procedência eram Artes Visuais, Ciências Econômicas, Teologia, Matemática, Música, Farmácia, entre outras.

Dessa maneira, ainda que em caráter introdutório, espera-se que o projeto, por exercitar habilidades linguísticas, gramaticais e de tradução, também auxilie os estudantes no aprendizado de outros idiomas, no caso de Blumenau e Região do Vale do Itajaí, tanto dos chamados *idiomas de imigração*, alemão, polonês, russo e italiano, como daqueles integrantes dos currículos da ETEVI e da educação básica da região, inglês e espanhol (SANTOS; HEMKMAIER; SANTOS; GAYO, 2014; PROJETO MINIMUS, 2018).

## 2 Concepções teóricas

As atividades desenvolvidas apresentaram clara relação entre ensino, pesquisa e extensão. O curso de introdução ao estudo da cultura e do idioma grego antigo reuniu a FURB, a Escola Técnica do Vale do Itajaí (ETevi), demais interessados da educação básica e comunidade do Vale para, juntos, produzirem saberes e fazeres sobre o tema da proposta. No projeto Paidéia, foram os estudantes que traduziram os textos, caracterizando autonomia discente, uma das principais características da extensão universitária. Esta noção é emprestada da Didática da História,



compreendida como uma *Geschichtsdidaktik*, e não uma *Didatik Der, Lehrkunst* ou *Unterrichtsmethoden* (CARDOSO, 2008; CERRI, 2009; 2010; SADDI, 2010) e permitiu a criação de um espaço permanente de interação, estudos e debate frequentado pelas pessoas interessadas no idioma de Homero.

Isso significa que não se tratou apenas de um curso tradicional de *disseminação de conhecimentos acadêmicos*, ao contrário, estudantes da educação básica e membros da comunidade foram considerados como *oxigenação necessária* à própria noção de universidade, ou seja, a produção de conhecimento no âmbito deste projeto caracterizou-se pela “troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, tendo como consequência a democratização do conhecimento, a participação efetiva da comunidade”, tal qual previsto no Plano Nacional de Extensão Universitária (BRASIL, 2000/2001, p. 3). Via de mão-dupla, na qual, sociedade e comunidade acadêmica trocam conhecimentos, teorias e expertises, a extensão universitária é “um processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e Sociedade” (BRASIL, 2000/2001, p. 5). Ainda, de acordo com o MEC, é um “processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre a universidade e outros setores da sociedade”.

Os objetivos, pautados em convergência com o Plano Político Pedagógico da ETEVI, foram: (a) formar estudantes para exercer a “cidadania de forma crítica, interferindo na realidade social”, preparados de maneira “interdisciplinar” para que pudessem “enfrentar os desafios da vida e os problemas da humanidade, exercendo o convívio com o diferente, diminuindo a distância social”. Além disso, a ETEVI também segue as recomendações da UNESCO, que sugere a oferta de uma formação que permita aos jovens “conhecer, adquirindo instrumentos de compreensão, a fazer e cooperar em todas as atividades humanas, e aprender a ser”, intenções que ultrapassam a formação apenas técnica, para o vestibular e o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), possibilitando aos egressos “uma formação integral” (ETEVI, 2018, p. 8-12). A proposta curricular da ETEVI, bem como sua metodologia de ensino, prevê uma aprendizagem para além da sala de aula, realizada a partir de atividades

extracurriculares e projetos que permitam “o acesso ao conhecimento pela humanidade” (ETEVI, 2018, p. 16).

Considerando essas características, (b) o curso possibilitou o acesso e o estudo sistemático de aspectos da cultura e idioma grego antigo, a partir da análise de textos retirados de autores gregos da Antiguidade, que escreveram sobre filosofia, democracia, política, teatro, mitologia, medicina e matemática, inclusive alguns dos fundadores da nossa cultura, tais como a *Teogonia*, *Iliada* e *Odisseia*. Igualmente, o curso intentou fomentar discussões sobre o contexto de produção destes textos, seja a partir da mediação docente, seja do diálogo com pesquisadores de várias áreas que integraram a equipe do projeto. Assim sendo, fomentou-se a concepção histórico-cultural de aprendizagem que fundamenta o Projeto Político Pedagógico da ETEVI e contribuiu-se com a formação geral dos estudantes e, ao mesmo tempo, de forma mais pormenorizada, com o desenvolvimento de duas das grandes áreas que compõem os conteúdos estudados na ETEVI e demais escolas da região, a saber, a área de Linguagens e de Ciências Humanas. O curso colaborou ainda para ampliação das opções de atividades complementares, algo previsto na metodologia de ensino estabelecida no Projeto Político Pedagógico da ETEVI (2018, p. 28, 37), também importante para todas as escolas do Vale do Itajaí.

Dessa forma, (c) o objetivo geral foi ofertar um curso introdutório ao estudo da cultura e idioma grego antigo em Blumenau, a partir do LABEAM e da ETEVI, para o público acadêmico, estudantes da ETEVI e outros secundaristas das escolas de Blumenau e Região, bem como membros da comunidade do Vale do Itajaí, possibilitando acesso democrático e gratuito às temáticas desta natureza. O intuito foi, ao fim das atividades, que os participantes produzissem novos conhecimentos de forma colaborativa e adquirissem competências e habilidades iniciais que permitissem a identificação de todos os componentes do sistema de escrita no qual se dá a representação gráfica do grego antigo, possibilitando a leitura e a tradução para o português de textos simples, o que implica em uma compreensão primeira do funcionamento do sistema de declinações de artigos e substantivos, nos gêneros masculino, feminino e neutro, e as conjugações verbais mais simples deste idioma.

### 3 A metodologia

Metodologicamente, a proposta se baseou em outros projetos semelhantes, com sucesso comprovado, tais como o *Classics for all*, em execução desde 2011 (CLASSICS FOR ALL, c2015) e o *Projeto Minimus: Latim e Grego no Ensino Fundamental*, Projeto de Cultura e Extensão da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP (PrCEU – USP) (PROJETO MINIMUS, 2020), em execução desde 2013.

O curso foi desenhado a partir das teorias do principal método de língua grega utilizado no Brasil (ao menos a título de introdução), o *Aprendendo Grego* (JACT, 2017), apesar de não termos nos restringido a ele. Ou seja, sempre que necessário, outras publicações serviram como material de apoio e suporte às atividades, tanto métodos, como o *Athenaze* (BALME; LAWALL, 2011) e o *Greek: an intensive course* (HANSEN; QUINN, 2014), com tradução de serviço providenciada pelo professor e bolsista do curso, quanto as gramáticas gregas de Henrique Murachco (2007a, 2007b.) e de Elói Ragon (2012). Na prática, além do método base, realizamos alguns encontros dedicados ao material de Hansen e Quinn. Ademais, demos as explicações e principais ferramentas para a execução das atividades em língua portuguesa, tendo em vista que não eram todos que compreendiam as línguas italiana e inglesa, ainda que a menção dos termos nesta última tenha suscitado algumas discussões breves.

Após a apresentação dialógica das temáticas presentes em cada unidade, os estudantes, basicamente, faziam os exercícios relacionados a elas, que consistiam em traduzir para o português textos do grego antigo. Durante os primeiros meses do curso, o bolsista realizava a leitura em voz alta dos trechos em grego para que os estudantes repetissem, ao passo que, ao final do primeiro semestre, eram os estudantes que liam em voz alta, individual e alternadamente, a lição cuja tradução seria discutida. Em cada novo encontro, as traduções eram problematizadas e, caso necessário, reelaboradas, e partia-se para as temáticas subsequentes, o que já aponta para a necessidade de uma avaliação continuada e permanente a cada etapa cumprida, algo inerente ao próprio método *Aprendendo Grego*. Destacamos que não foi o intuito, somente, fazer com que todos *traduzissem corretamente*, isto é, com vocabulário e coerência gramatical,

mas que os estudantes *problematizassem* as traduções possíveis e percebessem as dificuldades de passar o sentido do enunciado de um idioma para outro.

Após as avaliações, as traduções eram, por sua vez, consideradas e revisitadas a partir de aulas expositivo-dialogadas sobre a gramática do grego antigo, bem como tópicos importantes sobre história e cultura da Grécia, considerando o universo dos autores selecionados pelo mesmo método.<sup>6</sup> O curso teve, portanto, avaliações periódicas correspondentes ao conteúdo das unidades e questões culturais.

O número total de aulas foi 32, sendo uma a mais que o previsto e foram distribuídas em dois semestres entre os meses de março e novembro, toda segunda-feira das 14 às 18h, somando um total de 132 horas. Todas os encontros aconteceram na mesma sala situada na FURB que, além das características comuns de uma sala de aula, dispunha de aparelhagem audiovisual, wi-fi e ar-condicionado.

#### **4 A execução do Projeto Paideia: os primeiros quatro meses**

Quando se falava pelos corredores da universidade em ensinar grego antigo por meio de um curso para a comunidade em geral, logo vinham as frases: “mas pelo menos latim, que é o mesmo alfabeto!”, “nossa, grego? E tem gente que quer?”. Porém, o inesperado logo veio: 67 pessoas compareceram na primeira aula. A sala estava lotada. Havia gente de todas as idades, profissões e níveis de ensino (o que se manteve, em certa medida, até o final do ano).

Entre os participantes, é claro, muitos não sabiam que se tratava de grego antigo e não moderno (dentre as cartas de motivação, havia quem esperava aprender grego moderno no curso para ter um *diferencial* no currículo da área administrativa), outros não tinham a mínima noção de como lidar com outro alfabeto (ao comparar o alfabeto grego com o latino, alguns pensaram que só era preciso fazer uma transposição de

---

<sup>6</sup> Em cada parte das sete que compõem o método, são usados trechos de Platão, Aristófanes, Heródoto, Xenofonte, Homero, Píndaro, Sólon, Tucídides, Eurípedes, entre outros. Até o fim do ano de 2019, chegamos até a lição G, sessão 7, da parte dois (JACT, 2017, p. 82-85).

alfabetos para escrever em uma língua ou outra). Porém, como o ensino de um idioma antigo em um ambiente escolarizado nunca foi tradição na região (só uma estudante declarou ter tido aulas de latim no ensino secundário, por conta do decreto-lei nº 4.244, de 9 de abril de 1942), isto foi considerado algo natural.

Contudo, logo na primeira aula, os estudantes copiaram, traduziram e leram em voz alta a lição A (JACT, 2017, p. 4-5). Estas são atividades básicas no estudo de um idioma antigo, diversamente de um idioma moderno, ainda que em nível introdutório. Portanto, mesmo pessoas que eram engajadas no aprendizado destes últimos, disseram não gostar dessa abordagem voltada mais aos textos do que à conversação e se decepcionaram, sendo que algumas não voltaram nem para a segunda aula. Em fins de maio, havia 23 estudantes em sala.

A compreensão histórica que já se podia notar nas cartas de motivação era, de maneira geral, um tanto saudosista com a cultura grega antiga. Expressões que a denotam como importante para a “nossa democracia”, “nossa civilização”, são recorrentes, além de associá-la à Bíblia, principalmente para estudos teológicos.

Apesar de os assuntos históricos serem abordados em todas as aulas, não só pela necessidade deles à análise dos textos antigos, mas também pela formação do professor coordenador e do bolsista, foi realizado um encontro unicamente dedicado a discutir a história da língua grega (em sentido *lato*), desde seu período arcaico até o período tardio da História da Roma do Oriente. O intuito não foi fazer com que um conhecimento enciclopédico fosse apreendido, mas fazer com que os estudantes tenham consciência de que o mesmo idioma foi usado por povos muitíssimo diferentes no decorrer da história. A partir de então, foi perceptível, entre os professores, uma capacidade de problematização maior dos estudantes acerca da historicidade de termos, conceitos e textos, bem como uma maior participação nos diálogos que partiam das lições.

Aulas como essa descrita não estavam nos planos iniciais e partiram da experiência. Igualmente, durante cinco dias, sendo um no primeiro semestre e quatro no segundo, foram estudadas as três primeiras unidades do método de Hansen e Quinn (2014, p. 1-76). A alternância foi feita por um motivo principal: o *Aprendendo Grego* opera por inferências

linguísticas, enquanto o *Greek* se dedica majoritariamente a aspectos morfológicos do idioma. Portanto, notou-se que o primeiro deixava os estudantes muito despreocupados com a análise de conjugações e declinações já nas primeiras lições, o que acaba sendo reforçado pelo vocabulário sugerido em cada texto que, principalmente neste primeiro momento, dá as palavras flexionadas.<sup>7</sup>

Na primeira aula com o *Greek*, ou seja, no quinto encontro, não foi cobrada nenhuma atividade particular, pois serviu de introdução à análise e problematização da interpretação da língua grega por meio de categorias gramaticais. Porém, nas aulas que se seguiram, foi exigida uma participação cada vez maior, exortando os estudantes para que trouxessem respostas. Apesar de o material estar em inglês-grego e ter sido compartilhado no idioma original, e algumas discussões pontuais terem ocorrido sobre a explicação inglesa e a compreensão luso-brasileira, dado que a maior parte da turma era familiarizada com a linguagem anglófona, as explicações e resoluções de problemas foram realizadas em grego antigo e português.

Logo notando a falta de compreensão sobre a historicidade dos textos e idiomas antigos, foi realizado um encontro (o sexto) dedicado exclusivamente a uma história da língua grega (em seu sentido *lato*), em que destacamos como categorias gerais: (a) o grego clássico, (b) o *koiné* (c) e o bizantino. Afinal, estes são os tipos mais comentados nos meios de comunicação aos quais os estudantes têm acesso: o clássico, pelo próprio material do método utilizado em aula; o *koiné*, pelo *Novo Testamento*; o bizantino, correspondente ao longo período do Império Romano do Oriente, cujo idioma oficial foi o grego.

Esta foi uma ótima oportunidade para desenvolver uma perspectiva histórica dos estudantes a respeito do idioma e seus textos. Pudemos, de maneira geral, reconhecer o sistema de escrita bizantino, com letras maiúsculas e minúsculas, sinais de pontuação e diacríticos, compreender como os textos antigos que conhecemos são, em grande parte, provenientes

---

<sup>7</sup> Ainda que o método deixe de sugerir as palavras flexionadas aos poucos. Este aspecto apareceu ainda mais nas duas atividades finais, em que os estudantes traduziram dois fragmentos gregos fora de um método.

de cópias do período bizantino e não da própria Antiguidade. Esta última, em especial, afronta o discurso corrente, sobretudo, entre os curiosos sobre os textos bíblicos, de que quem sabe grego antigo lê *os originais*. O idioma, certamente, é o mesmo do *Novo Testamento* e da *Septuaginta*. Porém, os manuscritos que chegaram à Contemporaneidade, são as cópias, mais ou menos antigas, destes textos. O mesmo acontece com a maior parte dos textos de toda a chamada *tradição clássica*, sendo muito difícil ter até mesmo fragmentos do mesmo século de produção do material.

Menos polêmico, o problema da pronúncia do grego antigo também foi abordado. O objetivo não foi explorar características fonéticas de cada dialeto, mas apresentar uma compreensão histórica geral do desenvolvimento fonético do idioma de acordo com as categorias utilizadas (o clássico, *koiné* e bizantino). Durante todo o curso, utilizamos a pronúncia reconstituída do grego ático, comum nos meios acadêmicos, mantendo somente a diferença qualitativa e não quantitativa, ou seja, não seguindo o tempo de duração maior das vogais longas.<sup>8</sup>

A passagem da língua grega pelo Medievo, diferentemente, gerou um momento de silêncio na turma, pois ninguém se lembrava de que esta foi a língua oficial do Império Romano do Oriente, portanto, durante cerca de mil anos. A compreensão da turma era de que o latim havia sido o idioma deste período. Já na Antiguidade Tardia, no entanto, cabe lembrar que a língua e cultura dos gregos e dos latinos estavam em permanente convívio (*utraque lingua*).<sup>9</sup> Portanto, o aspecto fundamental que pudemos abordar neste curto encontro, foi o de que os textos gregos antigos chegaram até nós, em grande parte, devido às cópias, traduções e comentários que se fizeram durante todos esses períodos.

Com isso, foi possível realçar com muita pertinência a temporalidade do grego que os estudantes traduzem a partir do método: são textos formulados na Antiguidade, com um sistema de escrita desta época, que ganhou sinais diacríticos durante o período do *koiné*<sup>10</sup> e continuou a ser desenvolvido nos anos que sucederam pelo Medievo. Esta compreensão

---

<sup>8</sup> Dada a ressalva, seguimos os demais critérios de pronúncia. Cf. Mastronarde (1993).

<sup>9</sup> Cf. Fortes; Freitas (2015).

<sup>10</sup> Cf. Murachco (2007a, p. 71).

temporal do material que traduziam deixou-os impactados, pois, segundo o senso comum, o que se espera é que os manuscritos originais tenham sido preservados de maneira intacta durante dois mil anos ou mais.

Além disso, ferramentas digitais foram apresentadas aos estudantes desde os primeiros encontros. O teclado *Hoplite Polytonic Greek Keyboard* para smartphone, o *Keyman* para computador; o léxico grego-inglês *Greek Reference* para smartphone; os dicionários on-line *Perseidas*,<sup>11</sup> *DGE*,<sup>12</sup> e *Wikcionário*. Isso porque, desde os primeiros encontros, as pessoas procuravam traduzir as lições por meio do tradutor do Google, o qual não possui o grego antigo, somente o contemporâneo. Portanto, foi necessário instruí-los sobre quais recursos digitais utilizar para o bom estudo do idioma antigo. Ademais, o *Wikcionário* se mostrou excelente pela possibilidade de buscar um bom número de palavras noutras flexões que não o nominativo indicativo singular da primeira pessoa (a forma como se busca num dicionário convencional), especialmente na identificação de verbos irregulares, pois o site conta com tabelas de declinação e flexão.

No décimo encontro do segundo semestre de 2019, tivemos uma palestra com duração de três horas sobre a obra de Aristóteles (384 – 322 A.E.C.) em seus aspectos filosóficos, além da linguística aplicada ao estudo da língua grega antiga e análise de conceitos, por Vitor Medeiros Costa, graduado em História e graduando e mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Nesta ocasião, em termos gerais, os estudantes puderam: (a) conhecer como ocorre a interdisciplinaridade para o estudo de um texto grego antigo em contexto universitário, notadamente entre os campos da Linguística (semântica formal e pragmática), Filosofia (da linguagem, lógica, epistemologia, metafísica, ontologia, política, moral e ética) e História (da filosofia, da ciência e dos conceitos); (b) conhecer os critérios para interpretação de textos em nível avançado; (c) compreender a importância da obra de Aristóteles para os mais diversos campos do saber.

---

<sup>11</sup> Disponível em: <http://perseidas.fclar.unesp.br/2x/>

<sup>12</sup> Disponível em: <http://dge.cchs.csic.es/xdge/>



Esta atividade foi muito bem recebida pelos estudantes e, dada a abrangência, cada um pôde se identificar e perceber como sua área de conhecimento mais próxima se relaciona com as outras – tudo isto partindo de estudos de textos gregos antigos. Portanto, a proposta do curso passou a fazer muito mais sentido para os matriculados, além de aproximá-las da cultura universitária.

Pelo esforço em fazer a turma perceber como a Antiguidade Grega tem sido constantemente utilizada em produções da Contemporaneidade que os próprios estudantes consomem, muitas vezes, sem perceber, foi dedicado um encontro para discutir a relação entre História e Cinema. “História da recepção”, “história das apropriações”, “recepção dos clássicos” e “usos do passado” foram algumas das categorias apresentadas, pois tornam possível explorar a análise entre a Antiguidade e suas representações nas narrativas contemporâneas, bem como a maneira pela qual a apropriação da Antiguidade tem servido para delinear nacionalismos, imperialismos, justificar discursos políticos e sistematizar identidades e alteridades no tempo presente (SILVA, 2007; GRALHA, 2011; GARRAFONI; FUNARI, 2012). Este tema chamou muito a atenção da turma por mostrar uma perspectiva de estudo sobre os períodos longínquos que não conheciam. Porém, não lidavam com isso de maneira crítica, tal como desenvolvido nesta aula e retomado durante todo o curso.

No quarto mês de aplicação do curso, foi realizada uma prova, que consistia na cópia escrita do texto grego e tradução da lição E (JACT, 2017, p. 39) com consulta aos materiais. A turma teve duas horas, porém, a maior parte finalizou em até uma hora e meia. O desempenho foi muito satisfatório, já que 80% dos 25 estudantes tiraram nota A (igual ou maior que 7.5) na avaliação (três tiraram nota B, cinco C e dois D). Não com menos ânimo, as discussões e perguntas sobre interpretação de texto e contexto faziam parte do dia-a-dia, e se afinavam progressivamente.

## **5 A execução do Projeto Paideia: os últimos quatro meses**

O segundo semestre foi composto, quase que exclusivamente, pelos quinze participantes que concluíram o curso no final de novembro. Sendo assim, muito mais autonomia foi exigida deles com o passar das aulas.

Neste momento, surgiu outro motivo importante para a alternância de métodos: o cansaço dos alunos em traduzir as lições do método base. Afinal, a dificuldade aumenta gradativamente, exigindo mais tempo de estudo. Além disso, dado o perfil estudantil da turma em áreas distintas do conhecimento, ficava cada vez mais difícil manter o ritmo do início do curso. Sendo assim, passamos um questionário aos alunos e, como resultado houve um pedido de que aumentássemos o tempo em aula que envolvesse outros aspectos do estudo da língua grega,<sup>13</sup> como: mais ênfase em discussões históricas, maior uso de vídeos, mais exercícios simples de gramática, e tradução de textos que estão fora do método. Nos dois últimos meses, pouquíssimo se fez com o *Aprendendo Grego*, ainda que todos se sentissem animados com exercícios gramaticais (principalmente conjugações e modos verbais) realizados nos encontros, incluindo as problematizações de tradução em categorias que a língua portuguesa não tem, como a voz média. Em suma, foram inseridas atividades menos exigentes.

No decorrer das experiências tivemos mais atividades para além do método base, como uma discussão a partir da pronúncia do grego da época e região da vida de Jesus Cristo por meio de um vídeo que utiliza a reconstrução histórica (tema de muito interesse na turma, pois há missionários, teólogos, um ex-seminarista e um pastor), para ler os primeiros versos do *Evangelho* de João, com encenações e legendas do mesmo tipo de escrita que estudamos nas aulas, o que o torna um material excelente para uso didático com este perfil de estudante.<sup>14</sup> Com isso, conversamos um pouco sobre as diferenças fonéticas que usamos no curso e a usada para o vídeo, o que foi bem produtivo e rendeu a chance de explicar alguns paradigmas linguísticos do grego que se formaram nesta época e permanecem no idioma moderno. Um outro vídeo exibido em aula posterior, foi o de uma animação sobre a alegoria da caverna,<sup>15</sup> ilustrada

---

<sup>13</sup> O pedido veio em forma de resposta ao item “i. Se você pudesse mudar algo no curso, o que mudaria?” do questionário, que pode ser visualizado no Apêndice.

<sup>14</sup> THE GOSPEL of Mark in Biblical (Koine) Greek, 2019. Explicações sobre a pronúncia utilizada nos vídeos publicados no canal do Youtube Koine Greek estão disponíveis em: <https://www.koinegreek.com/koine-pronunciation>. Acesso em: 21 fev. 2020.

<sup>15</sup> Cf. Plato.

no Livro VII d’ *A República* de Platão, complementando a discussão sobre conhecimento, opinião e avançando para a “teoria” do conhecimento de Platão,<sup>16</sup> que foi complementar à lição 7B (JACT, 2017, p.76-77).

Por fim, após sete meses de estudo com base, fundamentalmente, nos métodos *Aprendendo Grego* e *Greek*, de uma palestra com um pós-graduando sobre a interpretação dos textos de Aristóteles, de uso de dicionários on-line, os estudantes traduziram dois fragmentos de dois textos distintos: um do *Apocalipse* de João e outro do *Juramento Hipocrático*, atribuído a Hipócrates. Estes não constam nos métodos, fornecendo, assim, aos estudantes, mais exemplos da pluralidade e diversidade dos temas abordados nos textos gregos.

Para isto, os estudantes puderam consultar mais dicionários<sup>17</sup>, de modo que tivessem a experiência de utilizar outros léxicos que não os do *Aprendendo Grego*. Além disso, eles tinham as ferramentas on-line e para smartphone, apresentadas desde os primeiros encontros do ano.

Dado o tema da comunicação seguinte (abaixo) e a familiaridade dos estudantes com os termos, o fragmento do *Apocalipse* (XVII.1) foi o seguinte: “Καὶ ἦλθεν εἰς ἐκ τῶν ἐπτὰ ἀγγέλων τῶν ἐχόντων τὰς ἐπτὰ φιάλας καὶ ἐλάλησεν μετ’ ἐμοῦ λέγων· δεῦρο, δείξω σοι τὸ κρίμα τῆς πόρνῆς τῆς μεγάλης τῆς καθημένης ἐπὶ ὑδάτων πολλῶν”<sup>18</sup> (“E um dos sete anjos com as sete taças veio falar comigo, dizendo: ‘Vem cá: mostrarei o castigo da grande prostituta, a que se senta sobre muitas águas’”<sup>19</sup>). Deste, foi surpreendente como algumas palavras foram selecionadas de acordo com as traduções correntes, como *φιάλη*, que pode ser traduzido por “panela”, “escudo”, “vasilha”, dentre outros, e foi traduzido exatamente por “taça”. Além disso, ao final, algumas pessoas haviam conseguido formar frases e constituir uma tradução integral do trecho, o que foi comparado e analisado com traduções já publicadas em português e inglês.

<sup>16</sup> Tanto a exibição deste vídeo quanto à discussão sobre *οἶδα* (“conhecer”, “ver”) *δόξα* (“opinião”, “reputação”) foram inspirados nas sugestões dos estudantes (apêndice), além de serem conceitos importantes na sessão 7 do método (JACT, 2017, p.72-87).

<sup>17</sup> Foram estes: Bailly (2000); Liddell; Scott (1996); Rocci (1993); Yarza (1998); Gingrich; Danker (1993).

<sup>18</sup> Nestle-Aland (2012).

<sup>19</sup> João (2018).

Em seguida, no mesmo encontro, foi realizada uma comunicação sobre linguagem apocalíptica do então graduando em História pela FURB Daniel Plautz, a partir do mesmo trecho analisado pela turma. Houve perguntas sobre traduções e contextos bíblicos, bem como uso dos conhecimentos e experiências desenvolvidos durante o curso para problematizar as interpretações possíveis.

Já do *Juramento Hipocrático*, foram usadas as primeiras linhas: “Ὁμνυμι Ἀπόλλωνα ἰητρὸν, καὶ Ἀσκληπιὸν, καὶ Ὑγείαν, καὶ Πανάκειαν, καὶ θεοὺς πάντας τε καὶ πάσας, ἱστορας ποιεύμενος, ἐπιτελέα ποιήσῃν κατὰ δύναμιν καὶ κρίσιν ἐμὴν ὄρκον τόνδε καὶ ζυγγραφὴν τήνδε”<sup>20</sup> (“Juro, Apolo curador, Asclépio, Hígia e Panaceia, e todos [os] deuses e todas [as] deusas, fazendo testemunhas, completo hei de fazer, junto da minha crítica e poder, este juramento e esta cláusula”<sup>21</sup>). Este, apesar de ser gramaticalmente mais simples que o trecho do *Apocalipse*, gerou um trabalho maior aos estudantes para selecionar os significados adequados das palavras. Ao fim do tempo reservado para a atividade, ninguém havia conseguido formar um enunciado coerente, mas apenas a tradução individual das palavras. Com o auxílio e crítica de traduções já publicadas em português e inglês, bem como do professor e do bolsista, foram elaboradas traduções integrais para o trecho.

Analogamente ao encontro anterior, foi realizada uma comunicação após esta atividade de tradução, desta vez pela acadêmica Cecilia Lucca Demarco, sobre aspectos históricos de Hipócrates e o uso do *Juramento* pela Medicina na Contemporaneidade. A turma participou realizando perguntas sobre questões éticas do *Juramento*, além de outras sobre os assuntos que são e não são abordados no curso de Medicina da FURB, especialmente os de âmbito histórico e sociológico (por estímulo da própria comunicadora).

De maneira geral, os estudantes se saíram muito bem na atividade, pois conseguiram selecionar palavras portuguesas com sentido próximo ao original grego. Afinal, uma dificuldade muito grande ao lidar com dicionários, muito mais complexos do que os vocabulários dos métodos

<sup>20</sup> Hippocrates (1868).

<sup>21</sup> Esta é uma tradução didática que foi usada para analisar e compreender o texto grego.

de aprendizagem, especialmente no início, é não saber qual dos muitos significados que uma palavra pode ter é o mais adequado ao texto que se está traduzindo. Alguns conseguiram formar frases minimamente concisas, mas só uma estudante conseguiu propor uma tradução completa para o fragmento, o que não é, necessariamente, um problema. Aliás, levando em conta que eles o fizeram (a maioria, pela primeira vez) em até duas horas, o resultado é bem satisfatório.

## **6 Considerações finais**

A mudança na interpretação histórica acerca de todos os períodos e dos próprios estudantes enquanto sujeitos históricos foi uma grande conquista do curso. Pôde-se notar este desenvolvimento, pois eles não só reconheceram muito de si em tempos longínquos, como aprenderam a conhecer os povos gregos de maneira muito mais realista, ou seja, com muitos costumes, etnias e políticas no decorrer das continuidades e rupturas históricas que relacionam povos por meio de um idioma. Neste quesito, mesmo o estudo bíblico soube ser aproveitado, pois a compreensão da historicidade do texto e dos fenômenos que ele testemunha foram interpretadas como uma ferramenta essencial à hermenêutica, e não como inimiga desta.

Consequentemente, os estudantes relataram, pessoalmente e no questionário (apêndice): melhora no desempenho escolar dos alunos que cursavam ensino fundamental e médio, principalmente nas áreas abordadas pelo curso, como Filosofia e História; melhor desenvolvimento em atividades que exigem lógica, interpretação de texto e escrita; maior aproximação com o livro de sua religião, a Bíblia; maior compreensão de outros idiomas e do idioma materno; entre muitas outras que não caberiam neste artigo. Isto mostra como o curso foi enriquecedor na formação da cidadania crítica e humanista dos participantes.

Outro fator importante foi a aproximação dos estudantes com a universidade, envolvendo a biblioteca, cursos de idioma e eventos culturais, o que é característico da extensão universitária. Se a maioria dos participantes já a possuía, ela foi reforçada, e os que pretendiam cursar uma graduação e conhecer outros ambientes culturais foram enormemente incentivados.

O bolsista, ainda na graduação e integrante do LABEAM, pôde desenvolver muito seus estudos sobre o idioma que faz parte de seu tema de pesquisa, o grego antigo. Ademais, a experiência de lecionar, uma vez por semana, estimulou o desenvolvimento das atividades que constituem o *métier* (“ofício”) do professor: preparar aulas, pesquisar, sintetizar, arranjar formas diferentes de explicar, e assim por diante.

Neste sentido, é possível considerar que o projeto cumpriu sua função extensionista, estabelecendo uma ponte entre Universidade, estudantes e comunidade do Vale do Itajaí e que possibilitou o ensino da cultura e do grego antigo, pelo período de um ano, de forma democrática e gratuita. Espera-se que a problematização e socialização destas experiências possam ser úteis para encorajar o desenvolvimento de projetos semelhantes.

## Referências

BAILLY, M. A. *Dictionnaire grec-français*. Paris: Hachette, 2000.

BALME, M.; LAWALL, G. *Athenaze: An Introduction to Ancient Greek*. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 2011. Book I

BLUMENAU terá curso gratuito de grego de março a novembro deste ano. *Santa*, Educação, 29 jan. 2019. Disponível em: <https://www.nscototal.com.br/noticias/blumenau-tera-curso-gratuito-de-grego-de-marco-a-novembro-deste-ano>. Acesso em: 16 set. 2019.

BRASIL. MEC. *Plano Nacional de Extensão Universitária: fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras e SESu, 2000/2001*. Edição Atualizada. Disponível em: [http://www.uemg.br/downloads/plano\\_nacional\\_de\\_extensao\\_universitaria.pdf](http://www.uemg.br/downloads/plano_nacional_de_extensao_universitaria.pdf). Acesso em: 16 maio 2020.

CARDOSO, O. Para uma definição de Didática da História. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 28, n. 55, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-01882008000100008>.

CERRI, L. F. Didática da História: uma leitura teórica sobre a História na prática. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 15, n. 2, p. 264-278, 2010. DOI: <https://doi.org/10.5212/Rev.Hist.Reg.v.15i2.264278>.

CERRI, L. F. Ensino de História e Concepções historiográficas. *Espaço Plural*, Marechal Cândido Rondon, n. 20, p. 149-154, 2009.

CLASSICS FOR ALL, c2015. Disponível em: <https://classicsforall.org.uk>. Acesso em: 7 set. 2018.

CLASSICS FOR ALL, c2015. *Why classics?*. Disponível em: <https://classicsforall.org.uk/about/why-classics/>. Acesso em: 26 abr. 2020.

COELHO, M. C. M. N. A vida de Helena de Tróia nos loucos anos 20 em Hollywood. *Clássica*, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 191-223, 2013. DOI: [https://doi.org/10.14195/2176-6436\\_26-2\\_11](https://doi.org/10.14195/2176-6436_26-2_11).

CORRÊA, P. C. et al. O projeto Minimus: latim e grego no ensino fundamental. *Phaos*, Campinas, n. 13, p. 93-117, 2013.

DGE en línea. Disponível em: <http://dge.cchs.csic.es/xdge/>. Acesso em: 21 mai. 2020.

DICIONÁRIO Digital Grego – Português, [entre c2017-2020]. Disponível em: <http://perseidas.fclar.unesp.br/2x/>. Acesso em: 16 mai. 2020

ETEVI – *Projeto Político Pedagógico*. Blumenau, 2018. Disponível em: [http://www.furb.br/\\_upl/files/etevi/2018/PPP%202018.pdf](http://www.furb.br/_upl/files/etevi/2018/PPP%202018.pdf). Acesso em: 7 set. 2018.

FORTES, F. S.; FREITAS, F. A. S. O contato linguístico e cultural entre o grego e o latim: reflexos na constituição da disciplina gramatical em Roma. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 19, n. 1, p. 3-13, 2015.

FURB oferece curso gratuito de língua e cultura grega. *FURB Notícias*, Blumenau, 29 jan. 2019. Disponível em: <http://www.furb.br/web/1704/noticias/arquivo/2019/01/furb-oferece-curso-gratuito-de-lingua-e-cultura-grega/7523>. Acesso em: 16 set. 2019.

FURBTV. Curso de língua e cultura grega. *Youtube*. Publicado em 25 fev. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gMdfKHiC3Bk>. Acesso em: 16 set. 2019.

GARRAFFONI, R. S.; FUNARI, P. P. A.; FUNARI, P. P. A. The uses of Roman heritage in Brazil: Traditional reception and new critical approaches. *Heritage and Society*, Reino Unido, v. 5, p. 53-76, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1179/hso.2012.5.1.53>

GHANDOUR, S. A recepção das tragédias de Eurípides no Teatro de Antunes Filho. *Codex*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 181-195, 2018. DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v6i2.21700>

GINGRICH, F. W.; DANKER, F. W. *Léxico do Novo Testamento Grego/Português*. Tradução de J. P. T. Zabateiro. São Paulo: Vida Nova, 1993.

GRALHA, J. Mundo Antigo no Rio de Janeiro: Arquitetura e Iconografia nas relações de poder. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA: POLÍTICA, CULTURA E SOCIEDADE, III., 2011, Rio de Janeiro. *Caderno de Resumos* (Semana de História Política, Seminário Nacional de História Política). Rio de Janeiro: UERJ-PPGH, 2011. v. 1. p. 87-88.

HANSEN, H.; QUINN, G. M. *Greek: An Intensive Course*. Nova York: Fordham University Press, 1992.

HIPPOCRATES. *Hippocrates Collected Works I: Hippocrates*. W. H. S. Jones (ed.). Cambridge: Harvard University Press, 1868.

JACT. *Aprendendo Grego*. São Paulo: Odysseus, 2017.

JOÃO. Apocalipse. In: BÍBLIA. *Novo Testamento: Apóstolos, Epístolas, Apocalipse*. Tradução de F. Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. v. 2

LIDDELL, H. G.; SCOTT, R. *A Greek-English Lexicon*. Oxford: Clarendon, 1996.

MASTRONARDE, D. J. *Introduction to Attic Greek*. Berkeley; Los Angeles; Londres: University of California Press, 1993. p. 6-14.

MURACHCO, H. G. *Língua Grega: visão semântica, lógica, orgânica e funcional. – Teoria*. São Paulo: Discurso Editorial / Vozes, 2007a. v. 1

MURACHCO, H. G. *Língua Grega: visão semântica, lógica, orgânica e funcional. – Prática*. São Paulo: Discurso Editorial / Vozes, 2007b. v. 2

NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*. 28. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

PLATO - The Allegory of the Cave - (The Matrix) Animated. Narração: Orson Welles. (8:18min). *Youtube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UQfRdl3GTw4&t=22s>. Acesso em: 2 out. 2019.



PROJETO MINIMUS. Projeto Minimus, ano II: O grego e o latim no Ensino Fundamental Projeto de Cultura e Extensão da PrCEU da USP. Programa de Pós Graduação em Letras Clássicas (FFLCH-USP), c2019. Disponível em: <http://ppgcl.ffiich.usp.br/node/390>. Acesso em: 12 abr. 2020.

RAGON, E. *Gramática Grega*. São Paulo: Odysseus, 2012.

ROCCI, L. *Vocabolario Greco-Italiano*. 37 ed. Roma: Società Editrice Dante Alighieri, 1993.

SADDI, R. Didática da História como sub-disciplina da Ciência Histórica. *História & Ensino*, Londrina, v. 16, n. 1, p. 61-80, 2010. DOI: <https://doi.org/10.5433/2238-3018.2010v16n1p61>

SANTOS, D.; HEMKMAIER, C. M. N.; SANTOS, L. G dos; GAYO, C. E. “Tá Falando Grego Professor (a)?”: Reflexões sobre o Ensino de História da Grécia Antiga na Educação Básica a partir das Experiências do PIBID da FURB na E.E.B. Frei Policarpo. *Labirinto*, Porto Velho, ano XIV, v. 21, p. 88-103, 2014.

SILVA, G. J. da. *História Antiga e usos do passado: um estudo desapropriações da Antiguidade sob o regime de Vichy (1940-1944)*. São Paulo: Annablume, 2007.

TAVARES DA SILVA, R. G. Repetir para inventar: a recepção dos clássicos na França Ocupada. *Temporalidades*, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, p. 119-142, 2017.

THE Gospel of Mark in Biblical (Koine) Greek - LUMO Project Film - CHAPTER ONE - with Greek captions. Produção: The LUMO Project. Narração: Faith Comes by Hearing; KoineGreek.com. *Youtube*. 13 jun. 2019. (9m23seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DjoNWOwXVqM>. Acesso em: 2 out. 2019.

WIKCIONÁRIO, o dicionário livre, 2020 Disponível em: [https://pt.wiktionary.org/wiki/Wikcion%C3%A1rio:P%C3%A1gina\\_principal](https://pt.wiktionary.org/wiki/Wikcion%C3%A1rio:P%C3%A1gina_principal). Acesso em: 21 fev. c2020

YARZA, F. I. S. (dir). *Diccionario Griego-Español*. Barcelona: Editorial Ramon Sopena, 1998. 2 Volumes.

## Apêndice

### Questionário

Paideia: Introdução ao estudo da cultura e idioma grego antigo em Blumenau (SC) e região do Vale do Itajaí

Nome:

α. Você sente autonomia enquanto estudante no processo de aprendizagem?

ναι  οὐχ

β. O estudo do grego antigo tem te ajudado no aprimoramento e compreensão de sua língua materna e outros idiomas modernos?

ναι  οὐχ

γ. Como você percebe seu aprendizado com relação à língua grega, você está “aprendendo grego”?

apenas o básico  muito pouco  satisfatoriamente  quase um ῥαψωδός

δ. As atividades do curso têm feito você melhorar de alguma maneira no seu campo profissional e ou de estudos?

ναι  οὐχ

Se sim, como?

ε. Você tem tido contato, por meio dos textos antigos, com aspectos da cultura grega antiga (democracia, política, filosofia, teatro, mitologia, medicina, matemática)?

ναι  οὐχ

ζ. Escreva o nome de um autor de um texto grego antigo e uma de suas composições (ex: “Homero, *Iliada*”).

η. Você tem sentido uma proximidade maior com a universidade desde que iniciou o curso?

ναι  οὐχ

θ. Você se sente capaz de realizar a leitura e a tradução para o português de frases simples do grego antigo, ou seja, que compreende a um nível básico o funcionamento do sistema de declinações de artigos e substantivos, nos gêneros masculino, feminino e neutro, e as conjugações verbais mais simples?

ναι  οὐχ

ι. Se você pudesse mudar algo no curso, o que mudaria?

Recebido em: 5 de março de 2020.

Aprovado em: 30 de abril de 2020.